

SANTA TERESA DE ÁVILA

AS MORADAS
CASTELO INTERIOR

4ª EDIÇÃO

 EDIÇÕES
CARMELO

Texto original revisto por: Tomás Álvarez, ocd.
Tradução: Agostinho dos Reis Leal, ocd.
Capa: Liliana Gonçalves

1.^a edição: Julho 2006
2.^a edição: Julho 2015
3.^a edição: Maio 2022
4.^a edição: Novembro 2024

Depósito Legal: 539988/24

ISBN: 978-972-640-211-4

© 2024, Edições Carmelo
Convento de Auessadas
Apartado 141
4634-909 Marco de Canaveses
Tel.: 255 531 354
E-mail: editorial@carmelo.pt
www.carmelo.pt

Composição e paginação:
Edições Carmelo

Impressão:
Artipol - Águeda

INTRODUÇÃO

As *Moradas* ou *Castelo Interior* é uma lição magistral de Santa Teresa de Ávila. Fruto amadurecido da sua última etapa terrena, traduz o período definitivo da sua evolução espiritual e completa a mensagem das obras anteriores: *Vida* e *Caminho de Perfeição*. O relato autobiográfico da *Vida* tem, agora, uma nova versão, mais sóbria e discreta, disfarçada no anonimato e integrada pelas experiências do último decénio. Da mesma maneira, a pedagogia do *Caminho* ultrapassa agora as tentativas de treino na vida espiritual, para remar até ao mais profundo do mistério: a plenitude da vida cristã.

Para completar a lição, virão sucessivamente as *Fundações* e as *Cartas* para avalizar as instruções das Sétimas Moradas: que a suprema vivência mística não afasta de órbita o cristão, mas mantém-no, pés bem assentes na terra, em diálogo com os irmãos.

Ponto de partida

O primeiro projecto do *Castelo Interior* enlaça com a autobiografia teresiana. Vista à distância de doze anos, a *Vida* aparecia incompleta. Era preciso retomar a narração e ultimá-la ou, talvez, refazê-la de raiz numa nova compreensão teológica.

Na pós-data de uma das suas cartas, a Santa escreve ao seu irmão Lourenço em 17.1.77: “Mandei pedir o livro (a *Vida*) ao Bispo (de Ávila, D. Álvaro), porque talvez me dê vontade de acabá-lo, com aquilo que entretanto me deu o Senhor. Chegaria para se fazer outro, e grande”.

Dois eram os motivos dessa decisão: os últimos doze anos tinham sido portadores de uma verdadeira torrente de experiências, nitidamente superior às relatadas na *Vida*. Anotou-as

fragmentariamente nas *Contas de Consciência*. Mas não se tratava apenas de novos materiais de construção; as vivências do último lustro – especialmente a partir do magistério de frei João da Cruz (1572) – tinham aportado uma nova chave de interpretação do quadro da sua vida, numa visão mais unitária e profunda, e com melhores possibilidades de síntese teológica.

Nessa altura, o projecto fracassou. D. Álvaro não enviou o manuscrito da *Vida* e, finalmente, poucos dias depois, o excesso de trabalho, abalou muito a saúde da Santa. Foi uma crise de esgotamento, com um profundo trauma físico, com muitas dores e barulhos na cabeça que a deixaram “escarmentada” e com receio de ficar “inutilizada para sempre”. Tem que recorrer aos préstimos de uma amanuense do convento para despachar a correspondência, por ordem expressa do médico. Assim se malogra o projecto de revisão da *Vida*.

Ordem para escrever

Restabelecida um tanto dos achaques de Fevereiro, a Santa encontra-se com o P. Graciano em fins de Maio. Ambos conversam no locutório do Carmelo de Toledo. Ele vem com pressa da Andaluzia para Madrid, convocado pelo Núncio e ela cumpre a pena de reclusão, imposta pelo Capítulo Geral da Ordem. Chegou até nós um trecho dessa conversa, escrito pelo P. Graciano:

“O que acontece acerca do livro das *Moradas* é que, sendo eu o seu Prelado e tratando, uma vez, em Toledo, muitas coisas do seu espírito, ela dizia-me: Oh, que bem escrito está esse assunto no livro da minha *Vida*, em poder da Inquisição!

Eu disse-lhe: já que não o podemos ter, faça memória de tudo o que se lembrar e de outras coisas, e escreva outro livro, e diga a doutrina em geral, sem dizer o nome da pessoa a quem aconteceu tudo aquilo que disser.

E assim lhe ordenei que escrevesse este livro das *Moradas* dizendo-lhe, para mais a convencer, que falasse também com o Doutor Velázquez, que a confessava algumas vezes; e este deu-lhe a mesma ordem”.¹

Alguns anos mais tarde, o mesmo P. Graciano completou a informação:

“Estando em Toledo, eu convenci a Madre Teresa de Jesus, com muita insistência, para que escrevesse o livro que depois escreveu e que se chama *As Moradas*. Ela dava-me a mesma razão que já disse e que ela afirma muitas vezes nos seus livros, quase com estas palavras:

– Para que querem que eu escreva? Escrevam os letrados que estudaram, pois eu sou analfabeta e não saberei o que digo; porei uma palavra por outra, e causarei algum dano. Há muitos livros escritos sobre coisas de oração; por amor de Deus, deixem-me fiar na minha roca e seguir a minha vida de coro e os ofícios da religião, como as outras irmãs, pois não sirvo para escrever, nem tenho saúde nem cabeça para isso, etc.”.²

Graciano e Velázquez venceram a resistência da Madre. Ela recordá-lo-á no prólogo do *Castelo Interior*, sublinhando a dificuldade da sua “obediência” e repetindo os motivos da sua resistência: desde a dor de cabeça até à total falta de inspiração literária; com uma atenuada alusão ao seu livro da *Vida*, que continua retido na Inquisição, e a impossibilidade de “se lembrar” das muitas coisas nele escritas, “que diziam estavam bem ditas, para o facto de se virem a perder”. Não corrigirá o relato autobiográfico. Ater-se-á às ordenações dos dois conselheiros, submetendo-se em tudo ao seu parecer, “pois são pessoas muito

¹ Notas de Graciano: em ANTÓNIO DE S. JOAQUIM, *Año Teresiano*, vol. VII (1758), p. 149.

² JERÓNIMO GRACIANO, *Dilucidario del verdadero espíritu*, I,5; BMC, Vol 15 (Burgos 1932), p. 16.

letradas”. Escreverá o seu novo livro, não para os seus confessores – tal como o livro da *Vida* –, mas para as leitoras dos seus Carmelos, gente simples e de olhos benévolos, que acolherão, com muito amor, qualquer página sua.

Projecto muito modesto, que será desbordado, logo a partir do primeiro capítulo do livro.

Tarefa de escrever

Grafia firme e redacção rápida. Da aridez do prólogo não fica nem rasto. A santa escreve com espontaneidade, tal como fala, em grandes fólhos de 210x310 mm. Colocou no prólogo a data de 2 de Junho (Festa da Santíssima Trindade) de 1577. Em quinze dias de trabalho normal, alternando com o coro e a correspondência, redige as moradas primeiras, segundas e terceiras. Subitamente, chega de Madrid uma notícia funesta: o “Núncio santo”, Nicolau Ormaneto tinha falecido (18-19 de Junho). Ela acusa o golpe que prevê catastrófico para a Reforma, e prepara a viagem ao seu primeiro Carmelo de S. José de Ávila.

Tinha escrito 26 fólhos (52 páginas completas), terminando o primeiro capítulo das quartas moradas. Tem que interromper o trabalho e tardará em recomeçá-lo. “Valha-me Deus! Em que me meti! Já tinha esquecido o que tratava, porque os negócios e a saúde me fazem deixá-lo na melhor altura. E, como tenho pouca memória, irá tudo desconcertado por não o poder tornar a ler”.³

Assim, entre interrupções, viagens e sobressaltos, redigirá os cinco capítulos seguintes: mais 19 fólhos. Só quatro ou cinco meses mais tarde, recomeçará a sério o trabalho. É já inverno em Ávila e ali, na gélida cela de S. José, escreverá, sem interrupções, o resto do livro, desde o capítulo quarto das quintas moradas: são

³ 5M 2, 1.

16 capítulos dos 27 de que consta o livro, a partir do fólho 46/r, até ao 110/r.

Seguem-se ainda dois fólhos com o epílogo ou carta de acompanhamento, postos antes do prólogo no autógrafo primitivo (pp. 2-5).⁴ Fazem transparecer a sã disposição da Autora, ao terminar o seu trabalho: as leitoras Carmelitas, que nem sempre dispõem de espaço suficiente dentro dos mosteiros, “sem licença dos superiores podeis entrar e passear nele (neste Castelo) a qualquer hora”.

Para dar forma de livro a esses 113 fólhos, restam apenas duas tarefas: estruturá-los internamente em moradas e capítulos e atribuir-lhes um título. A Santa relê em diagonal os pequenos cadernos e procura um vazio entre linhas para intercalar a indicação “moradas primeiras”, “capítulo” ou similares.⁵ Não ficou espaço algum para o título de cada um dos capítulos e, portanto, escreve-o num outro fólho, hoje desaparecido. Utilizará

⁴ Começa no prólogo a paginação autógrafa da Santa, que deixou sem numerar as duas folhas do epílogo e a da apresentação.

⁵ Começa com uma equivocação: “capítulo II”, em vez de capítulo I, considerando, talvez, o “prólogo” como capítulo primeiro do livro, e antepõe o actual “epílogo” como página introdutória. – Ao mesmo tempo que divide o texto e atribui título aos capítulos, vai limitando as margens com breves anotações: “Subentende-se, auxílio particular” (3M 1, 2), tristes “como o jovem do Evangelho” (3M 1, 7), “ou a imaginação, para que melhor me entendam” (4M 1, 8), ... frutifica “fazendo bem a si e a outras almas” (5M 4, 2), “mas, em conjunto, lembra-se de o ter visto.” (6M 4, 8, nota 10), “O Senhor também diz que é luz” (6M 7, 6), ... Santo Agostinho, nas suas Meditações “ou Confissões” (6M 7, 9), “Digo cada vez mais, quanto às penas essenciais” (6M 11, 7, nota 8), “isto é o normal” (7M 2, 10). – Numa ocasião empregará uma chamada marginal para acrescentar uma explicação: “Quando diz aqui ‘vos pede’, leia-se depois este papel”. Estas pequenas anotações perderam-se, mas os amanuenses transmitiram-nos o seu conteúdo.

Por fim, aconteceu uma anomalia no princípio das Sétimas Moradas, precisamente na passagem do primeiro ao segundo capítulo. A Autora teve que arrancar o fólho 97, (paginado posteriormente com os nn. 198-199) e redigido novamente...

o verso da primeira folha em branco, para dar o título à obra: “Este tratado, chamado *Castelo Interior*, escreveu Teresa de Jesus, freira de Nossa Senhora do Carmo para as suas irmãs e filhas, as freiras Carmelitas Descalças”. Na margem superior de cada página, foi anotando o título corrente, como nos livros modelo; na página da esquerda, “mdas” (moradas) e, na da direita, o número correspondente: “primeiras”, “segundas”, etc.

À medida que a Santa redige os cadernos, vai-os entregando a uma amanuense que os transcreve: é a primeira cópia do *Castelo Interior*, antes das manipulações dos censores.

Censura e outras peripécias do autógrafo

Falta ao manuscrito a opinião definitiva dos teólogos, indispensável para poder ser apresentado ao público e ser entregue nas mãos das leitoras. Oferecem-se para o fazer dois amigos da Santa: o Carmelita P. Graciano e o Dominicano Diego de Yanguas. Improvisam um tribunal doméstico no Carmelo de Segóvia. Graciano está interessado em prevenir percalços e acusações ao livro. Yanguas é professor de teologia na cidade e, para essa data, tinha já interferido na queima do autógrafo dos *Conceitos*. Os dois repartem entre si os papéis de juiz, fiscal e defesa. Conta o P. Graciano: “Depois, na sua presença, lemos este livro o frei Diego de Yanguas e eu, censurando-lhe eu muitas coisas do mesmo livro, dizendo serem malsoantes, e o frei Diego respondendo às minhas censuras, e ela dizendo que as eliminássemos; assim, suprimimos algumas, não porque fosse má doutrina, mas sim elevada e, para muitos, difícil de entender; porque, com o zelo que tinha pela Madre, procurava que nada houvesse nos seus escritos onde alguém viesse a tropeçar”.⁶

⁶ Notas de Graciano: em ANTÓNIO DE S. JOAQUIM, *Año Teresiano*, vol. VII (1758), p. 150.

É certo que Graciano riscou e corrigiu sempre com a maior delicadeza, deixando legível o original da Santa. Mas riscou em excesso e as suas correções pecaram por isso mesmo: meras bagatelas de teólogo ou humanista. Quando, alguns anos mais tarde, o autógrafo chega às mãos do primeiro biógrafo da Santa, o Jesuíta Francisco de Ribera, as correções provocam reclamações em cadeia: Ribera chega à conclusão de que o texto da Santa sempre estava melhor que o do censor e, por fim, decide escrever, por mão própria uma “contra-censura”: “...pareceu-me oportuno avisar a quem o ler, que o leia tal como o escreveu a Santa Madre, que o entendia e dizia melhor, e deixe tudo o que foi acrescentado; e o que foi riscado do livro da Santa, considere-o não riscado ...”.⁷ Afortunadamente, também frei Luís de León, na edição príncipe, eliminou as correções de Graciano.

Entretanto, as últimas páginas do autógrafo serão aprovadas incondicionalmente por outro censor, homem da Inquisição que, alguns anos antes, tinha enfrentado severamente o caso da Madre Teresa: é o Jesuíta Rodrigo Álvarez. Interveio na ameaça de processo inquisitorial contra a Santa, em Sevilha, por volta dos anos 1575-1576. Agora, é já íntimo admirador da Madre e tem desejos de ler o seu último livro, enviado a Sevilha para que a perspicaz madre Maria de S. José evite os perigos de sequestro. Em 8.11.1581, a Santa escreve à depositária do tesouro:

“... Agora recebi outra (carta)... do meu padre Rodrigo Álvarez, a quem devo muitas obrigações pelo bem que fez nessa casa, e quisera responder à sua carta, mas não sei... O nosso padre (Graciano) disse-me que tinha deixado lá um livro com a minha letra (e vossa reverência não estará para o ler a atrevidas); quando lá for, sob segredo de confissão – pois assim o pede com insistência –, é só para vossa reverência e a ele leia-lhe a última “morada”, e diga-lhe que àquele ponto chegou aquela pessoa e

⁷ Anotação de Ribera na primeira página do autógrafo, sob o título.

com a paz em que aí se vive e, assim, se vai muito descansada; por isso, dizem grandes letrados que está muito bem. Se não for lido aí, de modo nenhum o entregue lá, pois poderia acontecer alguma coisa. Enquanto não me escrever sobre o seu parecer acerca disto, não lhe responderei”.

Três meses mais tarde – 22.2.1582 –, Maria de S. José cumpre escrupulosamente a sua missão. E o padre Rodrigo Álvarez, depois de escutar a leitura dos quatro capítulos das Sétimas Moradas, manda copiar o autógrafo e escreve, depois da última morada, uma página memorável:

“A Madre priorisa deste convento de Sevilha leu-me esta sétima morada ou habitação, aonde pode chegar uma alma nesta vida: todos os santos louvem a bondade infinita de Deus que, de tal maneira, se comunica àquelas criaturas que, com todas as veras, procuram a Sua maior glória e a salvação do próximo. O que penso e sinto sobre o caso é que, tudo isto que me foi lido, são verdades católicas conformes às divinas letras e doutrina dos santos. Quem tiver lido a doutrina de santos, como é o livro de santa Gertrudes, e as obras de santa Catarina de Sena, e santa Brígida, e outros santos e livros espirituais, entenderá claramente ser o espírito da Madre Teresa de Jesus muito verdadeiro, pois que acontecem nele os mesmos efeitos dos outros santos. E, por ser verdade isto que sinto e entendo, assino-o com o meu nome hoje, 22 de Fevereiro de 1582. O P. Rodrigo Álvarez”.

A aprovação do padre Rodrigo é a primeira reacção da teologia tradicional à nova interpretação do mistério da vida cristã, proposto no *Castelo Interior* da Madre Teresa. Depressa surgirão – neste mesmo decénio – os primeiros ataques violentos: reacção de uma teologia rotineira, encaixada em preconceitos anti-iluministas que, afortunadamente, já chegou tarde, quando o livro tinha sido posto a salvo definitivamente pelas primeiras edições de frei Luís de León (Salamanca, 1588 e Barcelona, 1588).

Tema do livro

O P. Graciano, que determinara a composição do *Castelo Interior*, está seguro por ter sugerido à Autora a orientação temática. Quando ela se opõe a escrever, alegando as suas obrigações de coro e de trabalho manual, e as suas dores de cabeça, Graciano argumenta:

“Convenci-a com o exemplo de que algumas pessoas costumam curar-se mais facilmente das suas doenças com as receitas conhecidas pela experiência, do que com a medicina de Galeno, Hipócrates e de outros livros de muita doutrina. E que, da mesma maneira, pode acontecer em almas de oração e bom espírito que mais facilmente se aproveitam de livros espirituais já escritos sobre o que se sabe por experiência e não do que leram e estudaram em doutores... Porque, embora estas coisas do espírito sejam muito práticas e se concretizem em obras, melhor as saberá declarar quem tem experiência do que quem tem apenas a ciência, ainda que se exprima com termos apropriados”.⁸

A Santa rendeu-se à insistência de Graciano, aceitando o seu humilde papel de escritora “curandeira” da vida espiritual. Confessa-o no prólogo: propõe-se escrever coisas práticas, declarar “algumas dúvidas sobre a oração”, ir falando com “estas monjas destes mosteiros” carmelitas, “que melhor entendem as mulheres a linguagem umas das outras” e “o amor que me têm” tornará mais fácil a mútua inteligência.

Porém, este projecto idealizado no prólogo contrasta com as páginas que se seguem. A partir da primeira morada, ficará centrado o tema da vida espiritual em palavras originais: mistério do homem, com uma alma capaz de Deus, e mistério de comunicação com a Divindade que nele habita. Logo a

⁸ JERÓNIMO GRACIANO, *Dilucidario del verdadero espíritu*, 1 vol. 15 (Burgos 1932), pp. 16-17.

seguir, surgirá o projecto de se desembaraçar rapidamente dos temas introdutórios – primeiros passos na vida espiritual –, para enfrentar plenamente o tema difícil, aquele de que tão pouco se fala nos livros espirituais: últimas etapas da vida cristã e pleno desenvolvimento da vida espiritual (1, 2, 7).

De facto, a Autora expõe apressadamente, em apenas cinco capítulos iniciais, todo o tema ascético que tinha preenchido, quase na sua totalidade, o *Caminho de Perfeição* e reserva o restante da obra – 22 capítulos – para a jornada forte: ingresso na terra santa da vida mística (4M), união e santificação inicial (5M), o crisol do amor (6M) e consumação na experiência dos mistérios cristológico e trinitário (7M).

Aparentemente, o percurso do livro improvisa-se sobre a marcha. A escritora não se permitiu uma pausa prévia para a gestação interior do tema e a esquematização da sua exposição. Mas, na realidade, a nova síntese colhia, em pleno amadurecimento, a sementeira de vários anos. Principalmente, as experiências do último lustro, a partir do seu contacto espiritual com frei João da Cruz, deram-lhe uma visão nova do horizonte espiritual. Não só entrou ela própria na fase final (7M) a partir da graça decisiva da comunhão na “oitava de S. Martinho”,⁹ mas as últimas graças afiançaram-na num duplo plano de experiência interior: o primeiro, antropológico, mistério da alma com os cambiantes extremos de graça e de pecado; o segundo, trinitário: experiência da presença Trinitária das palavras evangélicas que a prometem a quem ama e guarda os mandamentos.

Como coroa dos dois ciclos de experiência, sobreveio uma graça misteriosa cifrada na ordem do “busca-te em Mim”: convite a ultrapassar o movimento de interiorização (procura de Deus dentro de si, à maneira agostiniana), com um ulterior mergulho

⁹ *Contas de Consciência* 35: 18 de Novembro de 1572.

no mistério transcendente de Deus. É a graça que, nos princípios deste mesmo ano, dá origem ao *Certame* em que desafia frei João da Cruz, a mesma, inspiradora do poema teresiano, “Alma, buscar-te-ás em Mim e a Mim buscar-Me-ás em ti”.

Foi essa série de experiências que pôs em marcha a gestação interior do livro. Delas surge, agora, a labareda que inspira uma interpretação original do mistério da vida cristã:

– uma base *antropológica*: afirmação do homem e da sua dignidade; a sua interioridade espaçosa; no centro, a alma capaz de Deus; e, no mais profundo da alma, o espírito, sede do Espírito e da Trindade (*Primeiras Moradas*);

– uma fase *crisológica*: plenitude do mistério de morte e ressurreição, para realizar no cristão a inserção e transformação em Cristo (*Quintas Moradas*);

– e um ponto de chegada Trinitário: “divinização”; profunda experiência de Deus e da Sua presença, para elevar ao mais sublime potencial a acção do homem em favor dos outros e da Igreja (*Sétimas Moradas*).

Pouco a pouco, a Autora foi avançando no alto mar: nas profundidades da vida mística. A cada novo passo, surpreende-a um arrepio de assombro. “Para começar a falar das Quartas Moradas, bem necessário é o que fiz, que foi encomendar-me ao Espírito Santo e suplicar-Lhe que, daqui em diante, fale por mim...” (4M 1, 1). Uma nova inquietação, ao iniciar as Quintas Moradas: “Creio fora melhor não dizer nada das (Moradas) que faltam, pois não se há-de saber dizer... Enviai, Senhor meu, do céu a luz para que eu possa ...” (5M 1, 1). E, antes de começar as Sextas: “Se Sua Majestade e o Espírito Santo não moverem a minha pena, bem sei que será impossível... que não acerte a dizer nada...” (5M 4, 11). Finalmente, um estremecimento ao iniciar as Sétimas: “Ó grande Deus! Parece que treme uma criatura tão miserável como eu, ao tratar de coisa tão alheia do que mereço

entender... Seria melhor acabar em poucas palavras esta Morada...; causa-me grandíssima vergonha... é coisa terrível” (7M 1, 2).

De facto, sucumbirá a esta última tentação: em poucas palavras ficará exposta essa etapa final, precisamente a mais rica de todo o processo.

O processo: sete etapas de vida espiritual

O *Castelo* obedece a um projecto linear: são coincidentes a estrutura e o procedimento. A traços largos, correspondem-se os elementos estético-espaciais (fosso, porta, moradas, fundo, centro...) e os funcionais-vitais (penetração, luta, interiorização, união, transcendência). A Santa valorizou intencionalmente o conteúdo-mistério da vida cristã: alma, graça, Cristo, presença interior, pecado; mas, sem descuidar o aspecto prático. Tinha-se proposto a si mesma uma dupla finalidade: comunicar a sua experiência cristã para atingir o leitor, tornando-o faminto dela e marcando-lhe um lugar de encontro no cume final da união com Deus; e, em segundo lugar, empenhando-o num programa concreto: lutar, conhecer-se a fundo, não perder de vista a exigência do amor – amor aos outros –, manter-se sensível ao risco, programar e esperar. São as duas vertentes do magistério teresiano: mistagógica a primeira, pedagógica a segunda.

O processo descrito no *Castelo* segue duas linhas: interiorização (linha antropológica) e união, aproximação à pessoa divina (linha teológica cristológica). Desenvolve-as com elementos simples: um ponto de partida: presença de Deus no homem; um ponto de chegada: união com Deus, distintivo da santidade; e um caminho a percorrer: oração, como atitude de vida teológica, nervo da vida cristã. Não há oração sem coerência de vida concreta, e esta tem a sua tábua de valores no amor aos outros. Não está o jogo em pensar muito, mas em amar muito; amor, porém, é determinação, são obras mais do que sentimento e emoção.

O processo de vida espiritual descrito no livro, divide-se materialmente em dois tempos que, no nosso vocabulário teológico, poderiam definir-se: *ascético*, o primeiro, *místico*, o segundo. A luta ascética, em que é protagonista o homem, abrange as Moradas 1-2-3; a vida mística, protagonizada pelo Actor divino, predomina nas Moradas 5-6-7. Entre os dois grupos, as Moradas 4 são o laço de união; etapa em que se entrecruzam o “natural e o sobrenatural” que, no léxico da Santa, equivalem o “ascético e místico” (4M 3, 14).

Uma muito sumária descrição das sete Moradas do processo, poderia fazer-se à base do pormenor central de cada uma, ainda que com o grave risco de apresentar uma visão empobrecedora ou, talvez melhor, uma caricatura do panorama teresiano.

– *Primeiras Moradas* “entrar no Castelo”: converter-se, iniciar o contacto com Deus (oração), conhecer-se a si mesmo e recuperar a sensibilidade espiritual.

– *Segundas Moradas* “lutar”; o pecado ainda ameaça; persistem os dinamismos desordenados; necessidade de confiar numa opção radical; progressiva sensibilidade na escuta da palavra de Deus (oração meditativa)

– *Terceiras Moradas* a prova do amor. Lucro de um programa de vida espiritual e de oração; estabilidade no mesmo; princípios de zelo apostólico; surgem, porém, a aridez e a impossibilidade como situações de provação. “Prova-nos Tu, Senhor, que conheces as verdades”.

– *Quartas Moradas* brota a fonte interior, passagem para a experiência mística, mas a sorvos, intermitentemente: momentos de lucidez infusa (recolhimento da mente), e de amor místico-passivo (quietude da vontade).

– *Quintas Moradas* morre o bicho da seda; a alma renasce em Cristo: “Levou-me o Rei à adega do vinho” (5M 1, 12); “a nossa vida é Cristo” (5M 2, 4). Estado de união, já seja “mística”, desde o mais

fundo da essência, já seja “não regalada”, por conformidade das vontades, manifestada especialmente no amor do próximo (c. 3).

– *Sextas Moradas* o crisol do amor. Período estático e tensão escatológica. Nova maneira de “sentir os pecados”. Cristo presente “de um modo admirável, onde o divino e humano são ao mesmo tempo a sua companhia (da alma)” (6M 7, 9). Desposório místico. A alma fica assinalada.

– *Sétimas Moradas* Matrimônio místico. Duas graças de ingresso na situação final: uma, cristológica; outra, Trinitária. “É-lhe mostrada por visão intelectual (à alma) as três Pessoas (Divinas)... nunca se separam dela, vê claramente que... tem-nas dentro de si, no mais íntimo; numa profundidade imensa, que não sabe explicar ...” (7M 1, 6-7). Plena inserção na acção: “que nasçam sempre obras e mais obras” (7M 4, 6). Como Elias, “fome pela honra de Deus”; “zelo... em ganhar almas”, como São Domingos e São Francisco (7M 4, 11). Plena configuração com Cristo Crucificado (cf. 7M 4, 5).

Cristo foi o alvo, o ponto de mira, ao longo de todo o processo, logo a partir das Primeiras Moradas: “Ponhamos os olhos em Cristo, nosso Bem, e ali aprenderemos a verdadeira humildade”, até à última página das Sétimas: “Os olhos no Crucificado!” (7M 4, 8).

ÍNDICE

| | |
|-----------------------|----|
| Introdução | 5 |
| Castelo Interior..... | 19 |

PRIMEIRAS MORADAS

Capítulos:

| | |
|---|----|
| 1. Trata da formosura e da dignidade das nossas almas. Apresenta uma comparação para as dar a entender e diz o proveito que há em entendê-las e em saber as graças que recebemos de Deus. Explica como a porta deste castelo é a oração. | 23 |
| 2. Diz o quanto é feio estar uma alma em pecado mortal e como Deus o quis dar a entender a certa pessoa. Também fala um pouco do conhecimento próprio. É bastante proveitoso por causa de alguns pontos dignos de registo. Diz como se devem entender estas Moradas. | 29 |

SEGUNDAS MORADAS

Capítulo único

| | |
|---|----|
| Importância da perseverança para chegar às últimas moradas. A grande guerra que o demónio faz. A conveniência de, ao princípio, não errar no caminho a fim de acertar. Aponta um meio que experimentou ser muito eficaz. | 39 |
|---|----|

TERCEIRAS MORADAS

Capítulos:

1. Trata da pouca segurança que pode haver enquanto se vive neste desterro, mesmo para quem chegou a um alto estado, e como convém andar com temor. Alguns pontos são proveitosos..... 47
2. Continua com o mesmo tema e fala da frieza na oração, bem como daquilo que, segundo ela, aí poderia acontecer. Diz como é necessário provarmo-nos a nós mesmos e que o Senhor prova a quem se encontra nestas moradas..... 53

QUARTAS MORADAS

Capítulos:

1. Trata da diferença entre contentamentos e ternura na oração e os deleites. Manifesta a alegria que lhe causou saber que o pensamento e o entendimento são duas faculdades diferentes. Este capítulo é proveitoso para quem se distrai muito na oração. 61
2. Prossegue com a mesma matéria e explica por meio de uma comparação o que são os «deleites» e diz como, não os procurando, os podemos alcançar..... 69
3. Diz o que é a oração de recolhimento, que o Senhor normalmente dá antes da de quietude. Apresenta os efeitos desta e os da anterior, que falava dos deleites que o Senhor dá. 75

QUINTAS MORADAS

Capítulos:

1. Começa a tratar o modo como a alma se une com Deus na oração. Diz como se sabe que não é engano. 85
2. Continua com o mesmo tema. Explica a oração de união através de uma bela comparação e expõe os seus efeitos na alma. É bom tê-lo em muita conta..... 92
3. Continua com o mesmo tema. Fala de uma outra maneira de união, à qual a alma pode chegar com a ajuda de Deus, e da importância que para isso tem o amor ao próximo. É um capítulo muito útil..... 100
4. Continua com o mesmo tema, esclarecendo um pouco melhor este modo de oração. Refere a importância de andar com atenção, porque o demónio está muito interessado em fazer retroceder a alma no caminho da oração..... 107

SEXTAS MORADAS

Capítulos:

1. Fala de como se passa por maiores trabalhos quando o Senhor começa a conceder maiores graças. Descreve alguns deles e indica o modo como se deve comportar quem já está nesta morada. É um capítulo útil para quem passa por trabalhos interiores..... 113
2. Apresenta algumas maneiras de Nosso Senhor despertar a alma. Nelas não há que temer, embora se trate de uma coisa muito elevada, porque são grandes graças. 121

3. Continua com o mesmo tema e diz o modo como Deus, quando lhe apraz, fala à alma. Dá avisos sobre o modo de proceder nesta situação e como não devem seguir o seu critério pessoal. Aponta alguns sinais para se saber se é engano ou não. É um capítulo muito útil. 126
4. Trata do momento em que Deus na oração suspende a alma com um arroubamento, êxtase ou raptó – que no meu entender é a mesma coisa – e da grande fortaleza que precisa para receber as mais altas graças de sua Majestade..... 136
5. Continua com o mesmo tema e apresenta um outro modo de Deus elevar a alma com um voo de espírito diferente daquele que já expôs. Explica a razão da força que é preciso ter. Fala um pouco desta graça que o Senhor concede de modo agradável. É um capítulo muito proveitoso..... 145
6. Expõe um efeito da oração apresentada no capítulo anterior, pelo qual se entenderá que é verdadeira e não engano. Fala também de uma outra graça que o Senhor concede à alma para que se empenhe nos Seus louvores..... 151
7. Trata da maneira de penar que as almas, a quem Deus concedeu estas graças, sentem pelos seus pecados. Lembra como é grande o erro de não se exercitarem, por muito espirituais que sejam, em ter presente a humanidade de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, a sua sacratíssima Paixão e vida, a sua gloriosa Mãe e os santos. É um capítulo de grande proveito. 158
8. Trata da maneira como Deus se comunica à alma por visão intelectual. Deixa alguns avisos e diz os efeitos que ela faz quando é verdadeira. Recomenda guardar estas graças em segredo..... 167

9. Trata da maneira como o Senhor se comunica à alma por visão imaginária. Recomenda muito às irmãs para se livrarem de ir por este caminho, dando razões para isso. É um capítulo muito proveitoso..... 173
10. Fala das outras graças que Deus concede à alma de maneira diferente das anteriores e do grande proveito que delas se tira. 182
11. Trata de uns desejos tão ardentes e impetuosos que Deus dá à alma para d'Ele gozar que a põem em perigo de vida, e do proveito que a alma tira desta graça que o Senhor lhe dá..... 186

SÉTIMAS MORADAS

Capítulos:

1. Trata das grandes graças que Deus concede às almas que atingiram as sétimas moradas. Diz que, no seu entender, existe uma pequena diferença entre a alma e o espírito, embora sejam uma só coisa. Tem coisas dignas de registo..... 193
2. Continua com o mesmo assunto e apresenta a diferença entre união espiritual e matrimónio espiritual. Explica-a por meio de delicadas comparações. 200
3. Trata dos grandes efeitos causados pela oração que se acaba de dizer. É preciso prestar-lhe muita atenção e ter presente os seus efeitos, porque existe uma grande diferença entre eles e os anteriores. 207
4. Com ele termina, dando a entender o que lhe parece que Nosso Senhor pretende ao conceder à alma graças tão sublimes. Fala da grande necessidade de Marta e Maria andarem juntas. É um capítulo muito proveitoso..... 214